

A TEORIA DAS SACOLAS DA FICÇÃO

Ursula K. Le Guin 1986

Nas regiões temperadas e tropicais nas quais parece que os hominídeos evoluíram em seres humanos, a principal comida da espécie eram vegetais. 65 a 80% do que os seres humanos comiam naquelas regiões nos períodos paleolítico, neolítico e pré-histórico foi coletado; somente no extremo do ártico a carne era o alimento básico. Os caçadores de mamutes ocupam espetacularmente as paredes das cavernas e o imaginário, mas o que nós realmente fazíamos para sobreviver e engordar era colher sementes, raízes, brotos, plantas, folhas, nozes, bagas, frutas e grãos, além de insetos e moluscos e capturar pássaros com redes e armadilhas. Peixes, ratos, coelhos e outros pequenos animais eram para aumentar a proteína. E nós nem nos esforçamos para isso - muito mais fácil do que camponeses escravizados nos campos de outra pessoa após a agricultura ser inventada, muito mais fácil do que trabalhadores pagos desde que a civilização foi inventada. A pessoa pré-histórica comum poderia viver tranquilamente trabalhando cerca de 15 horas semanais.

15 horas semanais para a subsistência deixa muito tempo para outras coisas. Talvez tanto tempo que os inquietos que não tinham um bebê para animar sua vida, ou uma habilidade em artesanato ou cozinhar ou cantar, ou pensamentos bem interessantes para serem pensados, decidiram se afastar e caçar mamutes. Os caçadores hábeis voltariam, então, cambaleando com uma carga de carne, muito marfim e uma história. Não era a carne que fazia a diferença. Era a história.

É difícil contar uma história realmente arrebatadora de como eu arranquei uma semente selvagem de aveia da sua casca, e então outra, e então outra, e então outra, e então eu cocei minhas picadas de pernilongo, e Ool disse algo engraçado, e nós fomos ao lago e pegamos uma bebida e observamos os tritões por um tempo, e então eu encontrei outro grupo de aveias... Não, não se compara, isso não consegue competir com quando eu enfiei minha lança dentro de um flanco peludo enquanto Oob, empalado em uma enorme presa balançando, se contorcia gritando e sangue jorrava para todos os lados em torrentes carmim, e Boob se transformou em geléia quando o mamute caiu nele enquanto eu atirava minha infalível flecha diretamente do olho ao cérebro.

Essa história não só tem **Ação**, ela tem um **Herói**. Heróis são poderosos. Antes que você perceba, os homens e mulheres no campo de aveias e suas crianças e as habilidades dos artesãos e os pensamentos dos reflexivos e as canções dos cantores são todos parte disso, foram todos pressionados ao seu serviço no conto do **Herói**. Mas não é a história deles. É dele.

Quando ela estava planejando o livro que se tornou *Três guinéus* (1938), Virginia Woolf escreveu um título em seu caderno, “Glossário”: ela havia pensado em reinventar o inglês em um novo plano, em ordem de contar uma história diferente. Uma das anotações do glossário é heroísmo, definido como “*garrafismo*”¹. Herói, no dicionário de Woolf, é “garrafa” [bottle]. O herói como garrafa, uma rigorosa reavaliação. Agora eu proponho a garrafa como herói.

Não só a garrafa de gin ou de vinho, mas garrafa em seu senso mais antigo de recipiente em geral, algo que guarda outra coisa.

Se você não tiver algo para guardar, comida irá faltar - mesmo algo não combativo e sem recursos como uma semente de aveia. Você coloca quantas você consegue em seu estômago enquanto elas estão à mão, com ele sendo o seu recipiente primário; mas, e sobre amanhã de manhã, quando você acordar e estiver frio e chuvoso e não seria ótimo ter apenas um pouco de aveia para mastigar e dar um pouco para Oom para que ela cale a boca, mas como você consegue trazer para casa mais do que o suficiente para um estômago cheio e um punhado? Então você se levanta e vai até o maldito campo de aveia encharcado na chuva, e não seria bom se você tivesse algo para por o Bebê Oo Oo dentro para que conseguisse pegar aveia com ambas as mãos? Uma folha, uma cabaça, uma concha, uma rede, uma funda, um saco, uma garrafa, um pote, uma caixa, uma vasilha. Um suporte. Um recipiente.

O primeiro dispositivo cultural provavelmente foi um recipiente. [...] Muitos teóricos creem que as primeiras invenções culturais devem ter sido uma vasilha para guardar produtos colhidos e algum tipo de funda rede.

Assim diz Elizabeth Fisher em *Women's Creation: Sexual Evolution and The Shaping of Society* (1975). Mas não, não deve ser, onde está aquele maravilhoso, grande, longo e duro

¹ No original *botulism*.

objeto, um osso, creio eu, que o hominídeo esmagou alguém pela primeira vez no filme² e então, grunhindo em êxtase ao conquistar o primeiro homicídio, jogou-o em direção aos céus, e girando lá ele se tornou a primeira espaçonave avançando pela sua trajetória dentro do cosmo para fertilizá-lo e produzir ao fim do filme um amável feto - um menino, é óbvio - deslizando ao redor da Via Láctea (estranhamente) qualquer útero, qualquer matriz? Eu não sei. Nem ao menos me importo. Eu não estou contando aquela história. Nós já a ouvimos, nós todos ouvimos tudo sobre paus, lanças e espadas, as coisas para esmagar e cutucar e acertar com, as coisas longas e duras, mas nós ainda não ouvimos sobre a coisa para guardar coisas, o recipiente para as coisas guardadas. Essa é uma nova história. Isso é novidade.

E ainda assim, antiga. Antes - no momento que você pensa sobre isso, com certeza muito antes - da arma, um instrumento supérfluo, tardio e luxurioso; muito antes da faca útil e do machado; junto com o indispensável moedor e escavador - qual o uso de cavar muitas batatas se você não tiver nada para guardar as que não consegue comer e levá-las para casa? - com ou antes da ferramenta que força a energia para o exterior, nós fizemos a ferramenta que traz energia para o lar. Faz sentido para mim. Eu aderi ao que Fisher chama de a Teoria das Sacolas da evolução humana.

Essa teoria não só explica grandes áreas de obscuridade teórica e evita grandes áreas de absurdo teórico (habitada, em grande parte, por tigres e raposas, outros mamíferos altamente territoriais); mas também me posiciona, pessoalmente, na cultura humana de uma forma que eu nunca me senti tão pertencente. Enquanto a cultura foi explicada como “originária de” e elabora no uso de objetos longos e duros para enfiar, esmagar e matar, eu nunca achei que tinha, ou quisesse, qualquer parte específica disso. (“O que Freud confundiu pela falta de civilização nas mulheres é a ausência de lealdade à civilização”, observou Lilian Smith³). A sociedade, a civilização que esses teóricos estavam falando sobre, era evidentemente deles; eles a possuíam, eles gostavam dela, eles eram humanos, completamente humanos, esmagando, enfiando, furando, matando. Querendo ser humana também, eu busquei por evidência que eu o era. Mas, se era isso que definia, fazer uma arma

² Referência a *2001 - Uma Odisseia no Espaço* (1968) de Stanley Kubrick.

³ Lillian Smith (1897 – 1966) foi escritora e crítica social do sul dos Estados Unidos. Conhecida principalmente pelo seu romance *best-seller Strange Fruit* (1944), no qual aborda a então controversa temática de relações interracialis.

e matar com ela, então evidentemente eu era ou extremamente defeituosa como ser humano, ou não era humana de forma alguma.

Está certo, eles falaram. O que você é, é uma mulher. Possivelmente não é humana, certamente defeituosa. Agora cale-se enquanto nós prosseguimos em contar a História da Ascensão do Homem, o Herói.

Vá em frente, eu digo, saindo através da aveia, com Oo Oo no eslingue e a pequena Oom carregando a cesta. Apenas continue em contar como o mamute caiu em Boob ou como Caim caiu em Abel ou como a bomba caiu em Nagasaki ou como a geleia queimando caiu nos aldeões e como os mísseis caíram no Império do Mau, e todos os outros passos na direção da Ascensão do Homem.

Se é uma coisa humana guardar algo que você quer, que é útil, ingerível ou bonito em uma bolsa, ou cesta, ou um pouco de casca e folhas, ou uma rede feita do seu cabelo, ou qualquer coisa, e levá-la para o seu lar com você, o lar sendo outra, maior tipo de bolsa ou sacola, um recipiente para pessoas, e mais tarde você tira e come ou compartilha ou armazena para o inverno em um sólido recipiente ou guarda em um pacote de remédios ou no templo, ou no museu, a área que contém o que é sagrado, e no próximo dia você provavelmente faz a mesma coisa - se isso é ser humano, se esta é a condição, então eu sou humana no fim das contas. Completamente, livremente, felizmente pela primeira vez.

Não, que seja dito logo, um ser humano passível e não combativo. Eu sou uma mulher raivosa envelhecendo me posicionando sobre mim com minha bolsa, afastando assaltantes. Contudo eu, e mais ninguém, não me considero heróica por fazer isso. É apenas uma dessas coisas chatas que você tem que fazer para conseguir colher aveia e contar histórias.

É a história que faz a diferença. É a história que escondeu minha humanidade de mim, a história dos caçadores de mamutes que contaram sobre esmagar, enfiar, estuprar, assassinar, sobre o Herói. A maravilhosa e venenosa história do Garrafismo. A história do assassinato.

Às vezes parece que a história está chegando ao seu fim. Para que não haja mais nenhuma contação de histórias, alguns de nós aqui fora nos campos de aveia, entre o grão alienígena, pensamos que seria melhor começar a contar outra, a qual talvez as pessoas possam continuar com, quando a velha história estiver acabada. Talvez. O problema é, todos nós nos permitimos tornarmo-nos parte da história do assassinato, então talvez nós acabemos junto com ela. Então é com uma certa sensação de urgência que eu busco a natureza, o sujeito, palavras da outra história, a não contada, a história da vida.

É desconhecida, não vem com facilidade, impensável para os lábios como a história do assassinato é; mas ainda assim, “não contada” é um exagero. As pessoas têm contado a história da vida por eras, em todas as formas de palavras e jeitos. Mitos de criação e transformação, histórias de trapaça, narrativas folclóricas, piadas, romances...

O romance é fundamentalmente um tipo não heróico de história. É óbvio que, frequentemente, o Herói o tem possuído, sendo esta sua natureza imperial e seu impulso incontrolável, tomar tudo para si e controlá-lo enquanto faz duros decretos e leis para controlar o seu impulso incontrolável para matar o romance. Então o Herói tem decretado através dos seus trompetes os Legisladores, primeiro, que o formato próprio à narrativa é aquele da flecha ou da lança, começando aqui e indo até lá e THOK! acertando o seu alvo (que cai morto); segundo, que a preocupação central da narrativa, incluindo o romance, é o conflito; e terceiro, que a história não tem qualidade alguma se ele não está presente nela.

Eu discordo de tudo isso. Eu iria tão longe a ponto de afirmar que o formato natural, próprio, apropriado do romance pode ser da sacola, da bolsa. Um livro carrega palavras. Elas levam significados. Um romance é um pacote de remédios, guardando as coisas em uma relação particular e poderosa uma com as outras e conosco.

Uma relação entre elementos no romance pode ser também a do conflito, mas a redução da narrativa ao conflito é absurda. (Eu tenho lido um manual de como escrever que diz: “Uma história deve ser vista como uma batalha”, e prossegue sobre estratégias, ataques, vitória etc.). Conflito, competição, *stress*, esforço etc., dentro da narrativa concebida como sacola/barriga/caixa/casa/pacote de remédios, podem ser vistos como elementos necessários

de um todo que não pode ser caracterizado como conflito ou harmonia, já que o seu propósito não é nem resolução ou *stásis*⁴, mas de processo contínuo.

Finalmente, é claro que o Herói não fica bem dentro da bolsa. Ele precisa de um palco ou pedestal ou pináculo. Você o coloca na bolsa e ele parece com um coelho, com uma batata.

É por isso que eu gosto de romances: ao invés de heróis, há pessoas neles.

Então, quando eu comecei a escrever romances de ficção científica eu vim cambaleando com esse grande saco de coisas, minha sacola cheia de fracos e desajeitados, e pequenos grãos de coisas menores do que uma semente de mostarda, e redes intrincadamente tecidas que quando tem seus nós desfeitos laboriosamente parecem conter um seixo azul, um cronômetro funcionando imperturbavelmente registrando o tempo de um outro mundo, e o crânio de um rato: cheio de começos sem fins, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções e muitos mais truques do que conflitos, muito menos triunfos do que ciladas e desilusões; cheio de espaçonaves que ficam presas, missões que falham e pessoas que não compreendem. Eu disse que era difícil fazer um conto arrebatador de como nós arrancamos sementes de aveia das suas cascas, eu não disse que era impossível.

Quem disse que escrever um romance era fácil? Se a ficção científica é a mitologia da tecnologia moderna, então o seu mito é trágico. “Tecnologia”, ou “ciência moderna” (usando as palavras como geralmente são usadas, em um posicionamento breve não analisado para as ciências “exatas” e a alta tecnologia fundada no contínuo crescimento econômico), é uma tarefa heróica, herculeana e prometeica, concebida como triunfo, logo como tragédia em última instância. A ficção incorporando esse mito será, e sempre foi, triunfante (O homem conquista a terra, o espaço, alienígenas, a morte, o futuro etc.) e trágica (apocalipse, holocausto, antes ou agora).

Se, todavia, alguém evita o linear e progressivo modo Temporal-assassino-flecha do technoheróico, e redefine tecnologia e ciência primariamente como uma sacola do que como

⁴ Do grego *στάσις*, *stásis* tem o sentido de posicionamento, contexto, posição/condição e também de um posicionamento filosófico. No inglês tem o sentido de estabilidade.

arma de dominação, uma consequência prazerosa é que a ficção científica pode ser vista como um campo muito menos rígido e estreito, não necessariamente prometeico ou apocalíptico de forma alguma, e de fato menos como um gênero mitológico do que realista.

É um realismo estranho, mas é uma estranha realidade.

Ficção científica propriamente concebida, como toda ficção séria, mesmo que engraçada, é uma forma de tentar descrever o que está acontecendo, o que as pessoas estão de fato fazendo e sentindo, como as pessoas se relacionam com todo o resto nesse saco vasto, essa barriga do universo, esse útero de coisas a serem e útero de coisas que foram, essa história sem fim. Nela, como em toda ficção, há espaço suficiente para permitir mesmo o Homem onde ele pertence, em seu lugar no esquema das coisas; há tempo suficiente para colher várias sementes de aveia e semeá-las também, e para cantar para a pequena Oom, e ouvir a piada de Ool, e observar tritões, e ainda assim a história não acabou. Ainda assim há sementes para serem colhidas e espaço no saco das estrelas.